

Dinastia assume o poder por um dia

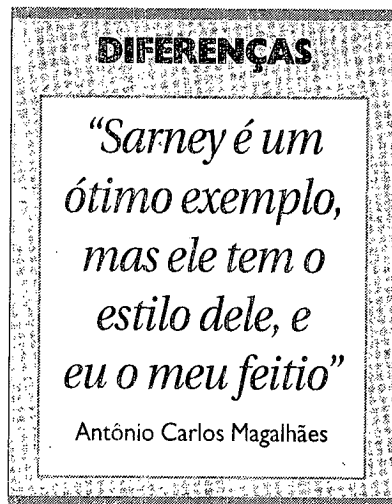
Mauro Zanatta
Da equipe do Correio

108

Na vitória de Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), um fato inédito chamou a atenção: pela primeira vez na história do Brasil, pai e filho têm o poder total sobre o Legislativo. Luis Eduardo Magalhães (PFL-BA) fica na Câmara até hoje à noite — quando será escolhido o novo presidente — e ACM tomou posse ontem no Senado. “Esse é um fato inédito na política mundial. Vou guardar isso para sempre”, comemorou ACM. “É o melhor de tudo é que o Luis Eduardo se mostrou um símbolo de competência e nova liderança”, insistiu. Por um dia, pelo menos, Luis Eduardo e ACM vão poder comemorar e dizer que, uma vez, o comando das duas Casas pertenceu à dinastia política dos Magalhães.

Apesar de não ter sido o primeiro a abraçar o pai após a eleição, Luis Eduardo deixou de lado o perfil formal e comedido e entusiasmou-se. “Parabéns, meu pai, parabéns”, repetiu o presidente da Câmara. E continuou: “Eu sempre disse que confiava no meu pai. Agora está o resultado de nosso trabalho”, afirmou, em tom de desabafo.

Antes do gesto incomum de Luis Eduardo, o senador baiano já havia recebido pelo menos 200 outros abraços durante todo o dia. E, longe da fama de truculento, ACM sorriu para todos, distribuiu apertos de mão pelos corredores e conversou demoradamente com quase cinquenta políticos, que o procuraram



em seu gabinete na Ala Teotônio Vilela do Senado.

TODOS OS SANTOS

Por volta das 9 horas, na sua chegada ao Congresso Nacional, ACM se mostrou disposto. “Vai ser um dia de muitas conversas, mas, acima de tudo, de vitória”, previa. Em seguida, recebeu o governador do Tocantins, Siqueira Campos (PPB), os três senadores do estado e 30 deputados estaduais da Bahia. Aliás, da Bahia desembarcou um exército de quase 150 pessoas, entre eles, o governador Paulo Souto, o prefeito de Salvador, Antonio Imbassahy, e o presidente da Assembleia Legislativa, Antonio Honorato. “Perdi até a conta de quanta gente veio para cá”, disse o vice-governador César Borges. “Do jeito que está, o Carnaval vai acabar adiado”, brincou Otto Alencar, ex-presidente da Assembleia.

Para justificar a forte veia religiosa

dos baianos, o oftalmologista Vespasiano Santos, conselheiro do grupo de ACM, espalhou pelo Congresso fitinhas do Senhor do Bonfim, encomendadas só para essa ocasião. “É para dar sorte. O nosso santo nunca nos deixa na mão”, revelou. De dentro de um envelope pardo, Vespasiano retirava as fitas e presenteava jornalistas, assessores, taquígrafas e até senadores da oposição. Quase que prevendo o resultado da eleição, o senador Ronaldo Cunha Lima (PMDB-PB), um dos contemplados, não quis arriscar nada impossível em seus três pedidos. “Vou pedir algo que eu possa atingir. Talvez umas férias no Caribe”, brincou.

BOM HUMOR

Toalha branca à mesa, o senador Gilberto Miranda (PFL-AM) recebeu ACM para um breve almoço em seu gabinete. No cardápio, os últimos acertos do mapa de votação. Meia hora depois, às 14h15, lá estavam os dois, no plenário, com os números finais mais do que fechados. “Agora, vamos para a vitória”, anunciou, bem-humorado, Antonio Carlos Magalhães.

E assim foi. Exatamente às 15h55 de ontem, fechou-se o ciclo de José Sarney na Presidência do Senado e começou outro estilo de administração. “Sarney é um ótimo exemplo, mas ele tem o estilo dele e eu o meu próprio feito”, disse. No final de sua primeira — e tumultuada — entrevista como presidente, ACM deu ainda uma pista de como deve ser sua gestão: “Vou me esforçar pela convivência, mas se não der certo vou cumprir as prerrogativas do meu mandato”, definiu.